

Apesar de pouco explícita, a narrativa de *Peplum* parece ter um fio condutor. Na sua demanda, a nossa pícara personagem como que se vai aproximando, em círculos concêntricos, da capital do Império. É dessa forma que vai descobrindo o mundo que a rodeia, numa espécie de *Bildungsreise*. Mas essa viagem formativa de um herói inconsequente que se julga imbatível acaba por terminar com a desilusão da descoberta da mulher ideal que se revelou uma anti-Galateia, a mulher morta, que transforma o que poderá haver de romantismo ou de quixotismo na agalmatofilia, na aberração e rejeição da necrofilia. Talvez o sentido do aparecimento da mulher selvagem seja precisamente esse: acentuar o desaire da demanda do belo com a figuração da monstruosidade da atacante. O conformismo e a acomodação do arrivista pseudo-Cimbrio no final da história acabam assim por transformá-lo num anti-herói.

No seu conjunto, *Peplum* é uma interessante abordagem inter e metatextual da perenidade clássica, um exemplo das recepções contemporâneas da nossa herança antiga, ao mesmo tempo que um desafio ao reavivamento das nossas memórias. Este faz-se através das subtilezas e dos subentendidos inevitáveis, necessários e desejáveis num trabalho desta natureza. Para usar a expressão criada há alguns anos por J. Mattoso, estamos perante uma recriação que recupera problemáticas centradas em «fragmentos de uma composição antiga», dos quais dependemos irremediavelmente para conhecer o passado¹⁴.

NUNO SIMÕES RODRIGUES

¹⁴ Impõe-se um agradecimento aos nossos colegas Doutora Ana Elias Pinheiro e Dr. Luís da Silva Fernandes, da Universidade Católica Portuguesa, que nos deram a conhecer o *Peplum* de Blutch. À Doutora Cláudia Teixeira agradecemos a agradável tarde passada nos claustros da Universidade de Évora, a reflectir acerca deste *Peplum*. Algumas das ideias que aqui apresentamos surgiram durante essa conversa.

NÓS, OS DEUSES E O AMOR VALENTINE: DO OLIMPO PARA HOLLYWOOD

Desde sempre a sétima arte nutriu pela cultura e pelos temas clássicos da Antiguidade um enorme fascínio que originou a produção de muitas e variadas obras, desde os mais distantes no tempo *Quo Vadis* (1951) e *Ben-Hur* (1959) aos mais actuais *Gladiator* (2000), *Troy* e *Alexander*, ambos de 2004.

Falamos assim de um filão inesgotável de inspiração para produtores e realizadores quer de cinema, quer de televisão. A verdade é que também a chamada «caixinha mágica» se continua a interessar pela temática de cariz clássico, ora de índole factual e histórica como em *Rome* (2005-07), ora revestida de um tom ligeiro, desprezioso e contemporâneo. Exemplo disso é a série televisiva *Cupid* (1998-99), criada por Rob Thomas, que trata de forma leve a relação de uma psicóloga com um dos seus mais complicados pacientes: um homem que acredita ser Cupido e que se diz expulso do Olimpo e obrigado a permanecer na Terra até cumprir a sua pena — juntar cem casais com sucesso.

Terá sido pois o eterno encantamento pelos deuses e pelo seu simbolismo que levou Kevin Murphy a criar em 2008 para televisão a série *Valentine*, acumulando o papel de produtor executivo juntamente com Courtney Conte, numa produção da *Media Rights Capital* (MRC). Foram encomendados 13 episódios, mas apenas 8 foram para o ar, pois entretanto a MRC cancelou a sua produção e emissão, por falta de audiência e incompatibilidades com a *CW Television*, canal que estreou *Valentine* a 5 de Outubro do ano transacto. Em Portugal, a série estreou a 12 de Fevereiro do corrente no canal de TV por cabo *Fox Life*, que transmitiu os 8 episódios.

Valentine assume-se claramente como uma comédia romântica leve, fresca e fantasiosa, centrada no clã *Valentine*, uma família de deuses que vive entre os humanos. Assim, em pleno século XXI, numa enorme mansão estrategicamente situada em *Mount Olympus Drive* na frenética cidade de Los Angeles, vivem Grace Valentine (Afrodite), Danny Valentine (Eros), Leo Francisci (Hércules) e Phoebe Valentine (Febe). Falamos das quatro personagens centrais desta série televisiva que, quais comuns mortais,

partilham uma espécie de negócio familiar *pro bono*. Mantêm as suas identidades em segredo para poderem levar a bom porto a sua missão na Terra: juntar as almas-gêmeas que, por uma ou outra razão, não se encontraram ainda, ou estão na iminência fatal de se desencontrarem para sempre. Desta forma, criaram uma empresa denominada *Valentine Inc.* que presta serviços de canalização, de mudanças, de desinfestação, ou mesmo de advocacia, tudo dependendo obviamente do disfarce de que os deuses precisem para se infiltrarem nas vidas dos mortais.



Elenco principal de *Valentine*. Da esquerda para a direita, Autumn Reaser (Phoebe Valentine, a Titânide Febe), Kristoffer Polaha (Danny Valentine, o deus Eros), Jaime Murray (Grace Valentine, a deusa Afrodite), Christina Lakin (Kate Providence, a romancista) e Robert Baker (Leo Francisci, o herói Hércules do séc. XXI).

A verdade é que os tempos mudaram e os métodos ancestrais divinos têm vindo a tornar-se cada vez menos eficazes. O amor vive-se de forma diferente, mas os deuses são os mesmos e prestam o mesmo serviço à Humanidade desde o séc. VI a.C. Grace Valentine (Afrodite) tem vindo a aperceber-se de que as estratégias do clã já não têm o sucesso de outrora e teme que os Fados percam a confiança e a fé neles, desistindo de lhes enviar

“clientes”. Quando os deuses deixam de desempenhar com sucesso as suas funções e se tornam irrelevantes para o mundo, o castigo é tornarem-se mortais. É nesta encruzilhada que encontramos os *Valentine* no início da história. Nessa medida, Grace, a matriarca, sente que a sua equipa precisa de sangue novo, de alguém que perceba de amor e, essencialmente, saiba como ele funciona nos dias de hoje – porque, às vezes, a tradição já não é o que era.

Assim, decide recrutar Kate Providence, uma escritora de “romances de cordel”, para os ajudar a actualizar as suas competências, pois a deusa está convencida de que Kate entende o coração humano como muitos não conseguem fazê-lo ou já esqueceram. Inicialmente relutante, a escritora aceita a proposta de trabalho e junta-se então ao clã, consciente de que é a única mortal entre divindades.

Assim, em cada episódio de *Valentine*, com a ajuda dos Fados e do Oráculo de Delfos, cabe aos deuses e à romancista mortal ajudar a trazer de volta o amor à vida de um casal de almas-gêmeas desencontradas.

Conheçamos então um pouco as cinco personagens que integram o elenco principal e algumas das características que estes deuses do século XXI apresentam:

Grace Valentine, ou melhor, a deusa Afrodite, é a matriarca da família. Dotada de uma beleza estonteante, é uma mulher extremamente sedutora e sensual. Uma deusa do amor pensada – nos seus traços fisionómicos e na forma como se apresenta sempre impecavelmente vestida e maquilhada – de acordo com a beleza icónica das estrelas de Hollywood, das divas do cinema da década de 50 do século passado. O sotaque britânico – a actriz é de origem inglesa – empresta-lhe um ar distinto, mais gracioso, um pormenor que a distingue das demais personagens.

A deusa inicia, em voz *off*, cada episódio com a frase euripídiana “Não ama verdadeiramente quem não amar sempre” (*As Troianas*, v. 1051), chamando a atenção para a importância do amor na vida e reiterando a necessidade de estarmos constantemente atentos para que a nossa carmetade não nos passe ao lado: «Everyone has a soulmate, somewhere in the world. (...) You only need to seek it out. There are signs to point the way. To see them you have to open your eyes».

É Grace que coordena as operações terrestres do clã *Valentine* e, por isso, toma a decisão de recrutar a mortal Kate, após ter descoberto que a falta

de sucesso dos deuses está a torná-los mortais.¹ Esteve casada com Ray Howard (o deus Hefestos) mas traía-o frequentemente. Entretanto, há milhares de anos que se divorciou do deus do fogo, trocando-o por Ari Valentine (o deus Ares), um dos seus amantes da altura. Desde então que se arrepende dessa decisão, mas Ari, que está sempre ausente, não lhe concede o divórcio, preferindo manter assim um casamento de fachada. Grace/Afrodite, porém, vive uma paixão secreta com o ex-marido Ray, divindade que ela preferira em tempos.

Danny Valentine é filho de Grace Valentine (Afrodite) e de Ari Valentine (Ares). Encarna Eros, o deus do amor erótico, e é, na intriga, um jovem *playboy* que passa as suas noites a seduzir as mulheres. É um pouco a ovelha negra da família, pois tem, na maioria das vezes, um comportamento de grande irresponsabilidade e imaturidade.

Os habituais arco e flecha com que é representado desde a Antiguidade ganham uma nova dimensão, tendo sido substituídos por um revólver, construído por Ray (Hefestos), que dispara uma magia que ajuda a criar sentimentos de atracção e paixão nos seus alvos. Danny, porém, nem sempre faz um uso correcto da arma, manejando-a a seu bel-prazer e muitas vezes de forma imponderada, qual brinquedo nas mãos de uma criança. A mãe, farta das suas atitudes insensatas, decide então que esta deve ser destruída. É da opinião de que o filho não sabe ainda o que é o amor e que o confunde com a paixão, com um entusiasmo passageiro do coração.

Inicialmente, este deus foi dos elementos do clã mais relutantes à entrada de Kate Providence nas operações amorosas, mas rapidamente se começou a afeiçoar à escritora romântica.

Juntamente com Danny, **Leo Francisci** forma o duo dinâmico do clã na missão de juntar as almas-gêmeas desencontradas. Representa o lendário herói Hércules e, nessa medida, actua como o músculo do grupo, revelando uma figura física forte e imponente de que variadas vezes faz uso nas suas operações com os *Valentine*. Mostra-se uma personagem calma e sensível, com bom carácter, servindo muitas vezes de conselheiro, de bússola moral do imaturo Danny.

¹ No primeiro episódio (piloto), é Grace que fere Danny (Eros) com um corte no braço para provar que, de facto, se estavam a tornar mortais. Mal começa a sangrar, Danny fica estupefacto por verificar que está a perder a sua essência imortal.

É ele que destrói a arma de Danny com as suas próprias mãos, a mando de Grace.

Phoebe Valentine, jovem delicada, doce e infantil, mas responsável, representa a Titânide Febe, filha de Úrano e Geia, a quem a mitologia greco-latina atribui por vezes a fundação do oráculo de Delfos, na qualidade de coadjuvante de Témis.

Assim, na intriga de *Valentine*, é ela que desempenha o essencial papel de sacerdotisa do Oráculo de Delfos – agora alojado num *jacuzzi* (!) – que comunica com os Fados. Nas tranquilas águas do oráculo, depois das oferendas, consulta os antecedentes das almas-gêmeas (quem são; o que fazem; como se conheceram) bem como o infeliz futuro que ambos terão, caso não fiquem juntos.

Phoebe tem um comportamento e um discurso infantis, apesar de ser muito mais velha do que os restantes deuses, pois é uma das divindades primordiais. Porém, o facto de ser uma Titânide significa que a sua alma já renasceu muitas vezes em novos corpos, mas sempre sem memória das experiências passadas.

É a personagem que maior antipatia nutre por Kate Providence, chegando a desconfiar das suas intenções, pois recebe do oráculo sinais dúbios que indicam objectivos sinistros de Kate, como o assassinio de Grace. As suas preocupações, porém, não são levadas a sério, a partir do momento em que a jovem sacerdotisa revela abertamente os ciúmes que tem da mortal.

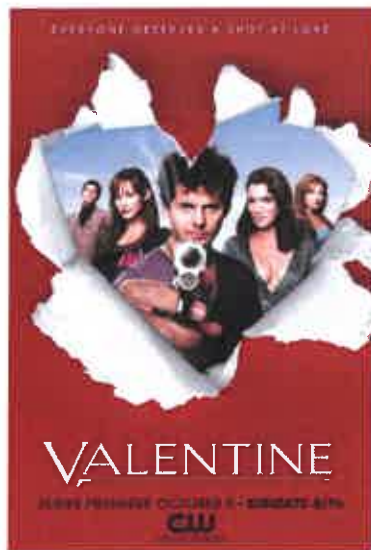
Kate Providence é a lufada de ar fresco no mundo dos *Valentine* e na forma como os deuses ajudavam os casais apaixonados a encontrar o amor. É uma jovem mulher, sensível, sonhadora e romântica. Escritora de “romances de cordel”, conhece bem os meandros do amor, as suas receitas e truques. Grace Valentine, a deusa do amor, contrata-a depois de a conhecer numa sessão de leitura dos seus livros. Inicialmente Kate não acredita em Grace quando esta lhe comunica que é Afrodite, mas uma amostra de magia convence-a de que os deuses são reais e a romancista decide então ajudá-los a aproximar as almas-gêmeas.

Ao elenco principal e fixo da série juntam-se ainda outras personagens como **Ray Howard** – o deus Hefestos – que trabalha na mansão e é o homem do bricolage, que tudo conserta; além disso, é o ex-marido de Grace que se encontra actualmente casada com Ari, um antigo amante. Na intriga da série,

Ray e Grace tiveram recentemente um *affair*, mas o deus do fogo pôs um fim à relação porque se apercebeu de que Grace não conseguia escolher entre ele e Ari. Danny chantageia Ray para que conserte a sua arma, depois de descobrir o relacionamento entre a mãe e o deus.

Ari Valentine – o deus Ares – é o actual marido de Afrodite e surge como um pai e marido ausente, que trabalha no Médio-Oriente em ambiente de guerra. Ari está casado com Grace há séculos e não lhe concede o divórcio, porque pretende manter um casamento de aparências.

Valentine é assim um produto televisivo coerente mas despretensioso, assumindo-se como uma comédia romântica que, em tom fresco e ligeiro, leva os espectadores numa viagem pelo mundo dos deuses olímpicos e dos mortais. Porque parece que ainda hoje necessitamos da preciosa ajuda divina para encontrarmos (ou reconhecermos) a nossa alma-gémea. *Amor omnia vincit.*



Cartaz promocional de estreia da série

MARIANA MONTALVÃO HORTA E COSTA MATIAS

NOTÍCIAS